

**As cifras do jogo:
esboço de uma aproximação entre os
Sprachspielen wittgensteinianos e as Chiffren jaspersianas¹**

Aluno: Roberto Carlos Pignatari (2008)

(I) Wittgenstein

Uma expressão cara a Wittgenstein (como a Heidegger, que se expressa praticamente nos mesmos termos em *A Caminho da Linguagem*) bem pode servir de mote a nos aproximar do que visualizamos constituir a preocupação movente ou *ultimate concern* de sua filosofia, qual seja, seu entendimento quanto à relação entre o *dizer* e o *silenciar*, ou, caso queira-se de pronto delimitar as temáticas em questão: entre *a lógica e a mística*, que no seu pensamento ocupa o lugar da metafísica². Encontramo-la nos textos por ele escritos entre 1931 e 1934, reunidos e publicados sob o título *Gramática Filosófica*: “A linguagem deve falar por si mesma”³. O “si mesma”, aqui, sugere menos isolamento ou auto-suficiência que delimitação e insuficiência (elucidação?)⁴. Intenta-se verificar a fala da linguagem por ela mesma, sem que

¹ A presente tentativa de traçar tal esboço compõe capítulo do projeto de estudo MAPA MUNDI – *Possibilidades da mística ecumênica no pensamento medieval e oriental à luz das Cifras da Transcendência na filosofia de Karl Jaspers*, que procuramos desenvolver junto ao Grupo de Estudo sobre *Literatura e Mística*, no Centro Universitário Assunção – UNIFAI, sob a coordenação do Prof. Ms. José Maurício Fonzaghi Mazzucco. O texto é aqui apresentado em caráter introdutório e alusivo, detendo-se quase que exclusivamente no pensamento de Wittgenstein, posto que o pensamento jaspersiano é abordado ao início do projeto, bem como em seu final, sendo na verdade o eixo constitutivo de nosso trabalho, pelo que nos limitamos ao mero delineamento de tópicos introdutórios da filosofia de Jaspers, finalizando com apontamentos conclusivos que visam tão-somente sugerir hipóteses e possibilidades apenas esboçadas de aproximação entre os dois pensamentos. Remetemos o leitor à forma final de nossa tentativa e projeto, nos trabalhos a serem registrados no Grupo de Estudo.

² Na agudização em crescendo suspensivo do final do *Tractatus Logico-Philosophicus*, as duas proposições imediatamente anteriores ao oráculo propositivo silente nº 7, dizem: “Há por certo o inefável. Isso se *mostra*, é o Místico.” (6.522); “... sempre que alguém pretendesse dizer algo de metafísico, mostrar-lhe que não conferiu significado a certos sinais em suas proposições.” (6.53). Seguimos a tradução, com apresentação e ensaio introdutório, de Luis Henrique Lopes dos Santos, São Paulo: Edusp, 3ª edição/1ª reimpressão, 2008, p. 281. As demais citações do *Tractatus* igualmente terão por base esta tradução, remetendo-se às suas proposições e/ou páginas pela numeração entre parêntesis, bem como à abreviatura *TLP* para indicá-lo.

³ WITTGENSTEIN, Ludwig *Gramática Filosófica*, São Paulo: Loyola, 2003, p. 28. Heidegger coloca que “para pensar a linguagem é preciso penetrar na fala da linguagem a fim de conseguirmos morar na linguagem, isto é, na sua fala e não na nossa.” *In A Caminho da Linguagem*, Petrópolis: Vozes/Bragança Paulista: EUSF, 2003, p. 9

⁴ A respeito da de-limitação que ilustra e manifesta a insuficiência que conduz ao silêncio, cf. a obra referencial de Marjorie PERLOFF *A Escada de Wittgenstein – A linguagem Poética e o Estranhamento do Cotidiano*, São Paulo: Edusp, 2008, especialmente pp. 183-186. Perloff trabalha a presença da poesia e literatura na obra wittgensteiniana, em leitura decisiva para ampliação dos horizontes de interpretação do filósofo austríaco. No presente esboço, tentamos mostrar que na realidade a linguagem não conduz, em seus limites, ao silêncio, mas sim este é que conduz a fala e o dizer, expressando-se em seu percurso à luz dos limites (Jaspers falará de *situações-limite*).

se recorra a instâncias essenciais ou “metafísicas” que se encarregariam de lhe emprestar o conteúdo de significação. Wittgenstein pretende fazer a semântica bastar-se a si mesma, entendendo que qualquer recorrência ao extra-signo implica em metafisiciar a linguagem, hipostasiando uma su(b ou per)-posta essência externa ao linguajar instanciado na práxis de seu mecanismo de uso, o qual define como *Jogo de Linguagem (Sprachspiel)*.⁵

A linguagem encontra-se definida e se forma, inteira e sobretudo *originariamente*, como sentido próprio do *dizer* (a *realidade*) na frase, perfazendo-se significativamente enquanto *uso pro-posicional* das palavras, por sua vez significadas unicamente enquanto *usadas (propostas)* conforme os diferentes *modos - jogos*.⁶ Assim, para Wittgenstein a linguagem é *per-feita* em seu instanciar-se *primitivo*, ou seja, seu per(si)-fazimento não advém ou é posicionado de forma estancial, mas instancia-se e perfaz-se (*per si*) no praticar o uso

⁵ *Investigações Filosóficas*, § 7, tradução de José Carlos Bruni, São Paulo: Abril Cultural (Coleção *Os Pensadores*), 1975, p. 16. Utilizamos igualmente a tradução de Marcos G. Montagnoli, revista por Emmanuel Carneiro Leão, 5ª edição, Petrópolis: Vozes/Bragança Paulista: EUSF, 2008, p. 19. As citações das *Investigações* serão remissivas à tradução de Bruni, salvo quando indicarmos a de Montagnoli, adotando-se a abreviatura *IF* para sua identificação.

Na *Gramática* - composta no período intermediário entre o *Tractatus* e as *Investigações* - Wittgenstein já trabalha com a noção de *Jogo*, porém ilustra o linguajar igualmente como *Cálculo – Gramática Filosófica*, *Op.Cit.*, pp. 41-44. Ressalte-se o instanciar tautológico da linguagem a que procede o filósofo, como que a realçar e insistir na impossibilidade de qualquer tentativa para ex-tan(gen)ciar um possível fundamento essencial à linguagem (tampouco estatuir-lhe qualquer nível progressivo metafísico, ao contrário: nela situando o poder estatuinte de uma ontologia não mais essencialista, mas sim descritiva), ao iniciar o parágrafo sétimo: “*In der Praxis des Gebrauchs der Sprache...*”, ao que a tradução de Bruni manteve-se na literalidade (p. 16), enquanto Montagnoli acentua a tautologia ao trazer “Na prática do uso da linguagem...” (p. 18). Cf. ainda, quanto à recorrer-se a um “algo” que não o signo, o § 94, na tradução de Montagnoli: “‘A proposição, uma coisa esquisita!’: aqui já reside a sublimação de toda a apresentação. A tendência de supor um ser intermediário puro entre o signo proposicional e os fatos. Ou também de querer purificar, sublimar o próprio signo proposicional” (p. 67).

No intuito de nosso esboço no presente estudo, procuramos não tratar as diferentes fases do pensamento do filósofo austríaco como distintas de modo estanque, mas sim atentarmo-nos à sua filosofia como um todo sequencial e coerente na sua relação entre o *dizer* e o *silenciar*, impulso axial de sua obra, ainda que, para os fins esquemáticos delineados, tenhamos nos detido, em primeiro lugar, nos escritos de Wittgenstein em seu segundo momento, ou o assim chamado Wittgenstein II, em torno às *Investigações*, que geralmente são tidas – a começar pelo próprio autor – por correção ao *Tractatus* do Wittgenstein I. Considera-se que a segunda fase da filosofia wittgensteiniana é iniciada justamente nos anos 30, quando retoma então a atividade filosófica acadêmica, prosseguindo até o final dos anos 40 – cf. MORENO, Arley R. *Wittgenstein – Os labirintos da Linguagem (Ensaio Introdutório)*, Campinas: Editora Unicamp/São Paulo: Moderna, 2000, pp. 47-49, 54 (sobretudo), 82-84; SPANIOL, Werner *Filosofia e Método no segundo Wittgenstein*, São Paulo: Loyola, 1989, pp. 13-14; RUSSELL, Bertrand *História do Pensamento Ocidental – a aventura das Idéias, dos Pré-Socráticos a Wittgenstein*, Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, pp. 446-449; COOPER, David E. *As Filosofias do Mundo – uma introdução histórica*, São Paulo: Loyola, 2002, pp. 468 e 486-487; STÖRIG, Hans Joachin *História Geral da Filosofia*, Petrópolis: Vozes, 2008 (tradução da 17ª edição alemã, revista e ampliada, de 1999), pp. 569-575; REALE, G. e ANTISERI, D. *História da Filosofia – volume III: do Romantismo até nossos dias*, 2ª edição, São Paulo: Paulus, 1996, pp. 657-669; DELACAMPAGNE, Christian *Histoire de La Philosophie au XXe. Siècle*, Paris: Seuil, 1995, pp. 64-87.

⁶ Já no *Tractatus* podemos perceber noções por assim dizer análogas, ou mesmo embrionárias, do *Sprachspiel*: “O que não vem expresso nos sinais, seu emprego (*Anwendung*) mostra. O que os sinais escamoteiam, seu emprego denuncia.” (3.262). Em princípio equivalentes, *Anwendung* pode especificar-se como *aplicação* (de sentido) às palavras dentro de sistemas de signos já estabelecidos de antemão, ao passo que *Gebrauchs* direciona-se, no contexto próprio das *Investigações*, ao dispositivo da *práxis instaurativa* de significação aos elementos em jogo.

primevo ou *originário/fontal*, que vem a ser o próprio *jogo lingüístico*: “... falarei muitas vezes de uma linguagem primitiva como de um jogo de linguagem”⁷. A relação entre *uso-jogo* e *primitivismo*⁸ elucida o significado que o filósofo a estes confere: a linguagem pro-põe-se, no uso enquanto regrar e jogar (impulsionar) a realidade, *primordialmente* (a)o sentido que se lhe atribui, tanto em relação aos signos, quanto à sua instauração própria. Dizer/falar o sentido só pode ser dado única e exclusivamente pelo sentido do falar/dizer, e neste se encontra encerrado.

1. Linguagem Primitiva e Ontologia Terapêutico-Praxiológica

Linguagem Primitiva: o caráter de per-feição⁹ que lhe atribui Wittgenstein talvez nos possibilite interpretá-la como *ethos* instituinte¹⁰ de uma análise da realidade que visa, num primeiro momento *representá-la*; e, numa segunda etapa e sobretudo, *descrevê-la*¹¹

⁷ *Investigações*, § 7: “... und von einer primitiven Sprache manchmal als einem Sprachspiel reden”. (Bruni, p. 16)

⁸ As proposições 3.26 e 3.261 do *Tractatus* trazem já explícita a relação que Wittgenstein estabelecerá de forma definitiva nas *Investigações*, entre nomeação (instauração) e uso primitivo dos sinais: “O nome não pode mais ser desmembrado por meio de uma definição: é um sinal primitivo.” e “... dois sinais, um primitivo e outro definido por primitivos, não podem designar da mesma maneira. Nomes não podem ser dissecados por definições...”, respectivamente. Anteriormente, a proposição 3.144 já postulava que “Situações podem ser descritas, não nomeadas (*benennen*). [Nomes são como pontos, proposições são como flechas, elas têm sentido.]” Nomeação é o momento instaurativo e primitivo do pensamento (*dizer*). Heidegger dirá que a *vocatio* (chamamento - *benennen*) da Linguagem Originária autentica a linguagem responsiva – vide adiante nota 24.

⁹ *IF* § 2; 5; 7; *TLP* props. 5.451; 5.4541; 5.46.

¹⁰ Trabalhando igualmente o caráter ético presente no *Tractatus*, Darlei Dall’Agnol, em obra basilar para a compreensão e discussão da temática que ora abordamos, e na qual desenvolve, com criatividade e grande talento, um imaginário debate entre Russell e Wittgenstein, propõe que o sentido do livro é fundamentalmente *ético*, visto que o propósito explicitado no Prefácio é produzir contentamento e felicidade ao leitor que o compreenda, concepção decorrente, segundo a “avaliação” russelliana, da visão wittgensteiniana da ética como □□□□□□□□□□ (*eudaimonia*). Dall’Agnol sustenta sua colocação com base na distinção, que clarifica como fundamental no *Tractatus*, entre dizer e mostrar/falar, sendo pois o domínio ético pertencente a este último, posto que não dizível. *Pode-se* portanto *mostrar* o campo ético, não obstante a *impossibilidade* de se *dizer* algo com significado propositivo a respeito, o que terapêuticamente o livra de confusões e equívocos da linguagem até então “filosófica”. Em nossa presente tentativa de leitura e interpretação do *Tractatus*, à luz da fenomenologia existencial jasperiana, visualizamos na obra de Dall’Agnol pontos de contato, e mesmo de elucidação, para com nosso trabalho, porém intentamos situar o Silêncio Místico como *motum proprium* e decorrente *ethos* impulsional da construção wittgensteiniana, não apenas em seu final ou finalidade teleológica, porém como ponto de partida perene que move e perpassa, formal e materialmente (posto que na concepção lingüística de Wittgenstein tal distinção perde sentido), o jogar-se ao mundo na práxis do próprio jogo, no regrar silenciosamente o “estado de coisas” (proposição 2: “O que é o caso, o fato, é a existência de estados de coisas”), o que em princípio, consoante nossa leitura, trataria de refinar até sua ruptura a sobredita distinção entre dizer e mostrar, pois o primeiro somente se dá e ocorre no segundo, e *em silêncio*, sendo-lhe na verdade sua efetivação: digo enquanto calo, silêncio enquanto falo. Do que têm-se, de igual modo, o *ethos* a mover, silente, o dizer enquanto *moris*. Trataremos mais especificamente do assunto ao retornarmos à temática do Silêncio propriamente dita – cf. DALL’AGNOL, Darlei *Ética e Linguagem – Uma introdução ao Tractatus de Wittgenstein*, Florianópolis: UFSC/São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005, pp. 117-120.

¹¹ Grosso modo, podemos identificar tais momentos com as definições da linguagem propostas por Wittgenstein no *Tractatus* (*representativa-figurativa*, ou ainda *pictórica* – cf. proposições 2.1; 2.11; 2.15) e nas *Investigações* (*descritiva* ou *praxiológica* – vide, p.ex., § 24; 49; 239; 291; mas sobretudo o parágrafo 109).

terapeuticamente, depurando-a das pretensas significações de cunho metafísico que, por não se reportarem à facticidade/eventualidade no mundo, sentido algum apresentam, posto que o “sentido do mundo encontra-se fora dele”. Tal análise ocorrerá não a partir dela (presunçosamente se posicionando de forma anterior ou acima da dinâmica de significação, para então tomar corpo o processo descritivo), porém nela própria, em seu íterim e percurso. Trata-se não de perguntar *sobre* o mundo em sua ocorrência (a eventualidade e/ou possibilidade), mas, uma vez curados do “enfeitiçamento” proporcionado pelos erros acumulados na significação (*bedeuten*) do dizer - os quais levam-nos a dizer perguntas sem uso, visto alimentarem a pretensão de falar sobre o que não está no mundo, rompendo pois com os limites do dizer – elucidar as ocorrências *no* mundo, bem como saber-nos inseridos (jogados) na realidade em seu próprio jogo, no qual a ilusão de (por este) perguntar pelo seu “ser” revela, depurativa e (portanto) terapêuticamente, infringência às suas regras (dado que não se joga sem estas), e a infração cometida pela pergunta “*por*” se mostra um (mal) uso “*do*” e “*no*” jogo. Não se pergunta pelas regras do jogo sem jogar, em outros termos: a pergunta a respeito do ser do jogo é já em si mesma um jogo, como o são todos os usos da linguagem. Percebemos então que, uma vez nele (e por ele) jogados, o desejo de questioná-lo - e, para tanto e por um momento, não jogar - mostra-se como anti-jogo, ou como o desejo de encerrá-lo, de outra forma: sair do mundo, já que este “é tudo que há” e nele estar é nele joga(do)r. Enquanto no jogo – enquanto neste mundo - não há como colocar-mo-nos fora de jogo para, ainda que momentaneamente, dele (ou por ele) questionar, pois a enfeitiçante busca de regras (sentido) fora delas próprias já se revela um des-cumprimento da regra. Mesmo faltoso, ainda assim o anti-jogo ocorre em jogo, sendo pois penalizado por suas próprias regras. Um anti-jogo não deixa de ser um jogo: a pergunta pelo sentido do mundo não se revela nele próprio, mas fora dele, pelo que a questão do ser revela-se de pronto impossível sequer de ser formulada, dado que deveria nos ser possível sairmos daqui, deste mundo, para então interrogá-lo e ouvirmos resposta. Enquanto aqui estivermos, nada.

O ponto de partida dos *Sprachspielen* em seu uso *primevo* instaura, portanto, no lugar da antiga e impossível metafísica, uma *ontologia* descritiva de caráter eminentemente *terapêutico e praxiológico* da realidade. Não se cuida mais, certamente, de buscar respostas a perguntas que não digam respeito ao mundo em seu dar-se figurativo na linguagem, o que equivale a dizer que a filosofia instaura-se na *apresentação do mundo*¹². As antigas questões da

¹² A conceituação de *figuração* da realidade total (cf. proposições 2.063 e 2.1) como o dar-se do mundo em sua sequência lógica fundante, noutros termos: linguagem instaurativa como *apresentação do mundo*, torna esta expressão referencial aos estudos wittgensteinianos, dentre os quais o livro homônimo de José Arthur Giannotti constitui obra seminal, máxime no tocante à leitura do pensamento desenvolvido por Wittgenstein em intersecção

ontologia essencialista clássica, que buscavam o sentido da realidade do “estado de coisas” ou dos fatos além deles próprios (*μετα-φισισ*), terminam por se mostrarem verdadeiros contrasensos em sua própria formulação, pois diziam respeito ao não atentar-se à con-figuração que de-limita a realidade em sua estrutura lógica impressa na linguagem, fazendo-se pois necessário depurar de nossas expressões toda e qualquer herança das pseudo-questões e fórmulas enganadoras que obnubilam a linguagem primitiva em seu significar o uso dinâmico dos sinais-limite da realidade a se mostrar (e se dizer) em *spiel*.

Entretanto, Wittgenstein estabeleceu na proposição 3 do *Tractatus* que “a figuração lógica dos fatos é o pensamento”¹³. Não estaria então a ontologia descritiva e figurativa voltando a se ancorar, como no pensamento metafísico, em polos presumivelmente anteriores ou fundacionais à regra lógica da apresentação dos fatos do mundo? Se o pensamento figura logicamente a realidade no encadeamento lógico *usual* de proposições, estas não estariam fundamentadas na racionalidade de um como que “sujeito transcendental”? A esse respeito, faz-se presente no pensamento wittgensteiniano o desenvolvimento de uma filosofia dos atos mentais que trata, num primeiro aspecto, de esvaziar quaisquer traços oriundos de concepções tanto metafísicas quanto psicologizantes no interior da relação pensamento-lógica-realidade; e num segundo momento, de esmiuçar a noção de *lebensform* (forma de vida) como *primum datum* no qual se dá a apresentação do mundo como um *todo*, totalidade real que irá situar-se, em última (na verdade, e em correlação direta ao *ultimatum* por ela pro-porcionado, em sua *primeiridade*) instância, como o referendo do (e ao) limite no qual se divisa (e por isso se identifica e faz-se presente no *factum*, permeando-o como seu con-

com a herança fenomenológica de cunho husserliano, mais especificamente com o pensamento de Merleau-Ponty. Giannotti não propriamente “renega” o pensamento fenomenológico, porém aponta neste o que visualiza como matizes remanescentes de visões “ontologizantes”, presentes, p.ex., no *lebenswelt* trabalhado igualmente por Heidegger e o pensador francês, ao que a filosofia wittgensteiniana termina por excluir radicalmente, operando a *lebensform* de modo não mais remissivo à “algo por algo”, porém na instrumentalidade própria da forma como fundamento da regra de uso, o que Giannotti toma por *Agir (Handeln)* – cf. GIANNOTTI, J. A. *Apresentação do Mundo – Considerações sobre o pensamento de Ludwig Wittgenstein*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pp. 186-208; 260-266; 272-274. Sobre o contraponto conceitual entre o *Lebenswelt* fenomenológico e a *Lebensform* wittgensteiniana, vértice diferencial das respectivas atitudes significativas do real características das duas escolas filosóficas – e que se situa na base da leitura que tentamos efetivar no presente esboço, qual seja, visualizar a *Lebensform* significada no uso dinâmico e perene do *Sprachspiel* pela imediaticidade fundante e cifrante do *Lebenswelt* fenomenológico jasperiano, tal que ambos convirjam no ver originário responsivo (o que parcialmente contrasta com a leitura de Giannotti – cf. *Op. Cit.*, pp. 123-134), vide a obra de Arley Moreno, na qual analisa o contraste citado, porém tomando por base a fenomenologia husserliana. Por fim, com respeito à constituição de uma fenomenologia própria no pensamento wittgensteiniano, cf. PRADO NETO, Bento *Fenomenologia em Wittgenstein – Tempo, Cor e Figuração*, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003, especialmente pp. 34-45. Bento Prado Neto trabalha primordialmente com o que qualifica como “tarefa de constituição de uma linguagem fenomenológica” do período intermediário (anos 30), explorando a incongruência presente no *Tractatus* entre a lógica e sua aplicação (*Anwendung*– vide acima nota 5), a qual diz respeito ao emprego dos signos primitivos dentro da figuração lógica do mundo, problema diretamente ligado às *formas de vida* (cf. pp. 13-17), passando pelo solipsismo (cf. pp. 18ss)

¹³ “Das logische Bild der Tatsachen ist der Gedanke” (p. 147).

stitutivo perene, permitindo-lhe por conseguinte a figuração no dizer) o silêncio permanente e fundante¹⁴.

2. “Ter em mente” e Significar

Suscitada no *Tractatus*, a preocupação com uma filosofia da mente emerge frontalmente na segunda fase do pensamento wittgensteiniano, quando da relação entre as *Lebensformen* e os *Sprachspielen*.¹⁵ Lemos nas *Investigações* que “representar uma linguagem equivale a representar uma forma de vida.”¹⁶ Nesse contexto, representar assume papel eminentemente técnico, referente ao emprego de de-terminada estratégia usual tal como num lance de jogo. Mas se, de acordo com o *Tractatus*, o cálculo de proposições espelha a configuração lógica da realidade, o pensamento logicamente deve espelhar tal configuração, ou, no espírito das *Investigações*, “ter em mente” referencia a forma de vida apresentada. Mas a forma expressada ou dita em mente nem sempre configura a forma do mundo de modo uniforme¹⁷. A questão que perpassa a investigação de Wittgenstein é assim exemplificada (§ 19): quando penso “Laje”, e com tal expressão signífico “Traga-me uma laje”, de que forma *tenho em mente* tal significação? Formalizo a proposição de quatro palavras por inteiro na minha consciência? Wittgenstein responde no parágrafo seguinte que, neste exemplo, *ter em mente* independe da frase expressa num único termo ou com quatro palavras, pois ambas apresentam o mesmo sentido. Mas este ocorre não pelo ato interno mental que visa a essência da proposição (como postula a fenomenologia husserliana), e sim devido ao emprego

¹⁴ *TLP*, prefácio: “O livro pretende, pois, traçar um limite para o pensar, ou melhor – não para o pensar, mas para a expressão dos pensamentos: a fim de traçar um limite para o pensar, deveríamos poder pensar os dois lados desse limite...” (p. 131)

¹⁵ A partir de tal temática relacional, Werner Spaniol reconstrói toda a emergência do problema dos processos mentais como propedêutica à sua leitura da terapêutica metodológica no Wittgenstein II, desde as influências determinantes do *Tractatus* (William James, B. Russell, G. Moore), até a abordagem específica das *Investigações*, onde equaciona o problema localizando-o no uso que nela se opera de “ter em mente” como significar (*meinen*), dissolvendo o problema na identificação entre um suposto ato mental à reger a realidade segundo seu uso ou jogo de significação – cf. SPANIOL, W. *Op. Cit.*, p. 53-80 (toda a primeira parte da obra de Spaniol discute o problema no *Tractatus*, bem como as influências nele codificadas). Trabalhando a questão numa perspectiva mais abrangente em relação à obra wittgensteiniana, e tratando especificamente da relação entre ato mental e o solipsismo ao qual Wittgenstein combate, cf. MARQUES, António *O Interior – Linguagem e Mente em Wittgenstein*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, especialmente o capítulo 2, pp. 69-111. Para uma percepção do papel desempenhado pela *Lebensform* no pensamento de Wittgenstein, incluindo histórico filosófico da formulação do termo e suas possíveis influências, vide HALLER, Rudolf *Wittgenstein e a Filosofia Austríaca: Questões*, São Paulo: Edusp, 1990, pp. 133-139.

¹⁶ *IF*, parágrafo 19 (Montagnoli, p. 23).

¹⁷ *IF*, § 203: “A língua é um labirinto de caminhos. Você vem de um lado, e se sente por dentro; você vem de outro lado, para o mesmo lugar, e já não se sente mais por dentro” (Montagnoli, p. 114)

(*Werwendung*) assumido na aplicação/expressão usual das proposições dentro do jogo de linguagem¹⁸. O emprego do uso, ou simplesmente o jogo lingüístico, é determinado não pela atitude mental que, intencionando mostrar sua forma, terminaria por delimitar sua configuração, mas sim pela forma de vida que, inversamente, instaura e instancia possibilidades de lances de jogo a serem assumidos pela significação ocorrida/eventualizada em mente. Caberá pois à ontologia terapêutico-descritiva operacionalizar uma linguagem depurada de expressões enganosas em relação às formas apresentadas, para o que, pretendendo a elaboração de uma conceitografia consumada em notação lógica simbólica, o projeto de Frege permanece uma proposta válida. Assim, no escopo de uma linguagem que estabeleça funcionalmente a configuração válida da estrutura lógica da realidade, na qual a simultaneidade das proposições verdadeiras e falsas esteja imediata e claramente ex-posta (e portanto depurada) no “ter em mente” (*meinen*), a proposição 6 do *Tractatus* pontua: “A forma geral da função de verdade é: $[p, \xi, N(\xi)]$. Isto é a forma geral da proposição” (p. 247). Nesta fórmula - em que p simboliza todas as proposições atômicas (elementos primitivos); ξ um elenco ou encadeamento de proposições formadas a partir de p ; e $N(\xi)$ a negação de todas as proposições elencadas anteriormente em ξ - a funcionalidade opera a partir da forma geral, vale dizer: global ou abrangente, abarcando o mundo na totalidade, sendo esta a forma inequívoca pela qual a realidade se apresenta à figuração do pensamento. Em conseqüência, verifica-se que o

¹⁸ *IF*, § 20 (Montagnoli, p. 25); cf. § 199: “Seguir uma regra, fazer uma comunicação, dar uma ordem, jogar uma partida de xadrez, são *hábitos* (usos, *instituições*). Compreender uma frase significa compreender uma língua. Compreender uma língua significa *dominar uma técnica*” (Montagnoli, p. 113) – grifo em negrito nosso. Note-se mais uma vez que a linguagem não compõe o *estatuto* ontológico-metafísico, mas *institui* a expressividade ontológico-descritiva. A instância ontológica é interna à própria linguagem, não estatuída por nenhuma outra extratificação ou estanciamiento da realidade. A linguagem é primordialmente muito mais uso, *ars*, □□□□□□(techné), que □□□□□□(poiésis). Atua, no pensamento wittgensteiniano, como *mnemoniorum* bem mais que *memoraculum*. No sentido do aprendizado de uma técnica de uso formada através de hábito, Bertrand Russell já apresentara, em sua *The Analysis of Mind* (ensaios e conferências reunidos e publicados em 1921), uma concepção da linguagem em termos muito próximos aos de Wittgenstein acima referidos, valendo-se inclusive da mesma analogia do jogo quanto ao funcionamento da língua em relação aos atos mentais. No *capítulo X – Palavras e Significados*, lemos, “Não é necessário, para que alguém “compreenda” uma palavra, que “saiba o que ela significa”, no sentido de ser capaz de dizer “esta palavra significa isto e aquilo”. Compreender palavras não consiste em saber suas definições de dicionário, ou em ser capaz de especificar os objetos aos quais elas são apropriadas. Conhecimento como este pode pertencer aos lexicógrafos e aos estudantes, mas não ao comum dos mortais no dia-a-dia. Compreender a língua é mais parecido como o compreender o *cricket*: é uma questão de hábitos, adquiridos por si mesmo e justamente presumidos noutros. Dizer que certa palavra tem significado, não é dizer que os que usam a palavra corretamente pensaram alguma vez no que ela significa: o uso da palavra vem primeiro, e o significado deve destilar-se dele, por meio da observação e da análise.” (RUSSELL, B. *A Análise da Mente*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976, pp. 147-148). Importa notar que Russell alude, quando da menção ao *cricket*, que tal concepção da linguagem, estendida até mesmo à análise do pensamento, foi defendido por John B. Watson em sua teoria behaviorista. Vale pontuar, por fim, que o paralelo conceitual expresso por Russell em suas teorias das descrições, como acima exemplificado com termos e comparações praticamente convergentes aos de Wittgenstein, talvez explique seu juízo mediano acerca do conteúdo inovador e diferencial presente nas *Investigações* – cf. SPANIOL, W. *Op. Cit.*, p. 113; DELACAMPAGNE, C. *Op. Cit.*, p. 81 (vide, a respeito das teorias russellianas sobre linguagem e descrição, as pp. 54-60); COOPER, D. E. *Op. Cit.*, p. 468 (cf., sobre Russell, pp. 465-467).

ato mental da significação (*meinen*) aplicada pela linguagem em seu jogar ou tramar a realidade, validando juízos (verdadeiros) na prática que instancia o dizer, é estabelecido na confluência à totalidade dos estados de coisas dispostos em possibilidades, as quais permitem reger o funcionamento do jogo, estabelecendo-se por conseguinte uma recursividade que apela inicialmente à realidade *in totum*, com o fito de pro-por as regras de uso (jogos) da significação desta mesma realidade. Vale dizer: início e fim convergem e dão-se simultaneamente. A forma em simultaneidade que verificamos na função geral da verdade espelha a totalidade dos fatos em eventualidade no mundo, constituindo-se a *lebensform* no espe(lho mostruário)ctro modal de referências operatórias. *Simultaneidade em totalidade*. Na proposição 5.641 (idem), imediatamente anterior à fórmula da função geral da verdade, Wittgenstein asseverara que a única possibilidade de se falar de um “eu filosófico” vem a ser justamente a do limite do mundo, não em seccionamento, porém na possibilidade de percepção das formas de vida (*lebensformen*) em totalidade, vale dizer: o percurso expressível delimitado no (e pelo) silêncio. Ter em mente, ou significar, é jogar-se nos limites da linguagem.¹⁹

¹⁹ Precisamente na percepção do todo abrangente, que Wittgenstein situa na *lebensform* expressível enquanto limitada pelo - e no - silêncio, visualizamos uma primeira possibilidade de se tentar aproximação com o pensamento jaspersiano, o qual estabelece a presença do *Dasein* nas situações-limite no *lebenswelt* preenchido pelo Todo-Abrangente (*Das Umgreifende*), que comunica o expressível justamente nas Cifras (*Chifren*) da Transcendência inefável – cf. JASPERS, K. *Philosophie*, zweite auflage (2ª edição), Heidelberg: Julius Springer Verlag, 1932, pp. 110-116; 124-127. Nesse sentido, intentamos em nossa leitura situar as *Chifren* como *spatium verbum* de convergência e intersecção entre a forma e o todo, ou seja, totalidade *in sp(ecie)atium aeterni* – no silêncio do limite. Vivenciar as *Cifras* existenciais como o dar-se indizível da *lebensform* simultânea ao *lebenswelt* na comunicabilidade inefável que nos abarca em eternidade. No espectro de possibilidades comparativas entre o método fenomenológico husserliano e existencial, e a ontologia depurativo-descritiva wittgensteiniana, os precisos e argutos paralelos tecidos por Ernildo Stein permanecem sem dúvida como referência basilar aos estudos nesse sentido. Na introdução que preparou à sua tradução de *Vom Wesen des Grundes* (Sobre a Essência do Fundamento), de Heidegger, o prof. Stein menciona a observação que Wittgenstein fizera quando lera, em 1929, *Ser e Tempo* do filósofo alemão: “Posso imaginar o que Heidegger quer dizer com ser e angústia. O homem tem o instinto de se jogar contra os limites da linguagem.” (STEIN, Ernildo Introdução ao Método Fenomenológico Heideggeriano in HEIDEGGER, Martin *Sobre a Essência do Fundamento*, São Paulo: Abril Cultural, 1973, pp. 285-286. Coleção *Os Pensadores*), para pontuar que Heidegger vincula, em sua principal obra, o questionamento sobre o ser ao problema da linguagem, clarificando que, em virtude do método fenomenológico, tal questão é redimensionada em “proximidade com a *práxis* humana” (existência e facticidade), na qual a linguagem não se restringe à análise dentro do sistema notarial e/ou referencial simbólico, porém no “nível da historicidade” (Idem, *ibidem*). Importa mencionar ainda que Stein possui, dentro de sua vasta e notável obra, vários outros escritos nos quais apresenta exposições profundas e esclarecedoras (além de análises penetrantes e sumamente precisas) entre as duas correntes filosóficas, dentre os quais podemos lembrar *A Caminho de uma Fundamentação Pós-Metafísica*, Porto Alegre: Edipucrs, 1997, especialmente pp. 25-58; 77-90; *Diferença e Metafísica – Ensaio sobre a Desconstrução*, 2ª edição, Ijuí: Editora Unijuí, 2008, pp. 257-303 (sobretudo a aproximação entre Heidegger e Ernst Tugendhat: pp. 269-280); as elucidativas notações autobiográficas de seu percurso intelectual em *Exercícios de Fenomenologia – Limites de um paradigma*, Ijuí: Editora Unijuí, 2004, pp. 273-279; e principalmente *Sobre a Verdade – Lições Preliminares ao parágrafo 44 de Ser e Tempo*, Ijuí: Editora Unijuí, 2006, pp. 158-162; além de vários outros. Convém notar, igualmente no mesmo espírito de leitura interseccional entre a fenomenologia e análise semântico-proposicional, as conferências, tornadas em imprescindíveis ensaios, de Bento PRADO JÚNIOR reunidas em *Erro, Ilusão, Loucura - ensaios*, São Paulo: Editora 34, 2004, nos cinco primeiros ensaios, mormente o 4º: Plano de imanência e vida, pp. 139-170. Remetemos igualmente ao valioso trabalho de Marcos NOBRE e José Marcio REGO *Conversas com Filósofos Brasileiros*, São Paulo: Editora 34, 2000, compêndio contendo entrevistas com vários pensadores brasileiros,

Importa reiterar que, como acima exposto, na concepção do *Tractatus* a linguagem não é pois substanciada *por ex-teriores*, nem *para in-teriores*, mas apenas instanciada de *per si*; não se instaura a partir de *con-cepção* anterior, tampouco percepção por *sub-extratos*, porém sua aura insta e funda a *a-cepção* à qual se recorre para esquadrinhar e regar a realidade acepcionada unicamente de forma factual, de modo que as regras para se jogar não são estipuladas anteriormente ao instrumental do jogo, e sim este é quem pro-pugna aquelas em seus diversos usos das palavras, as quais adquirem instância significativa quando nos remetemos e vivenciamos as *Lebensformen*, apresentando-se ou dando-se unicamente em *Satz = Pro-posição*, e não constituída de sub ou super-posições, vale dizer: nada abaixo nem acima da linguagem proposicional. Dizemos tais formas significando as palavras enquanto nomeação figurativa/representativa do real. Tal esquadrinhar remete ao real em seu dizer-se. Jogar(-se) (n)o Mundo. *Jogar* que, no espectro de seu pensamento, constitui-se no *Dizer (Sprach) Primevo* que confere o *Significado (Bedeutung: dar signo = sentido)*, às coisas em seu estado na totalidade do real, ou seja: no mundo.

3. A Escada do Real: Dizível e Indizível

Mas parece-nos haver mais em jogo, no pensamento de Wittgenstein, que simples recusa aos termos da metafísica histórica. Ao contrário do que talvez dê a entender num primeiro contato, seu pensamento como um todo intenta mostrar-nos que a linguagem não está à mercê ou disposta à instrumentalização do real e “codificação” de seu significado, à vista do qual seria a palavra uma das vias de acesso, fundamental e talvez única, mas nada mais que uma via ou meio (e não a instância propositiva primeva de apresentação do real), pelo que teríamos então adentrado num campo do sentido que fundamentaria o todo vivencial, mas lhe seria em verdade substancial ou superior (ou ainda exterior), pelo que estaríamos voltando, mais uma vez, a situarmo-nos no terreno metafísico. Para Wittgenstein, a linguagem não aponta para algo cujo significado instar-se-ia em momento anterior ao uso lingüístico, tampouco remeteria a uma instância posterior e/ou superior. A linguagem é o real sentido, significado, representado e usufruído²⁰. É nela que temos a realidade a apresentar-se-nos em

dentre os quais Bento Prado Jr., José Arthur Giannotti, Pe. Henrique C. de Lima Vaz, Marilena Chaui, Benedito Nunes, Balthazar Barbosa Filho, Gerd Bornheim, etc.

²⁰ IDEM, *Gramática Filosófica, op. cit.*, p. 45: “O significado de um nome não é a coisa que apontamos quando oferecemos uma definição ostensiva do nome, isto é, não é o portador do nome (...) O nome não perde seu significado se seu portador deixa de existir (se ele morre, digamos).”

seus átomos lógicos, ou unidades semânticas referenciais, a partir de cuja simplicidade compõem-se os léxicos proposicionais que nos tramam o mundo²¹. Em certas concepções tradicionais e muito usuais acerca da linguagem e sua função, estas vêm situadas em momentos subseqüentes às operações lógicas determinantes de simples apreensão, raciocínio e juízo. As palavras são utilizadas posteriormente à percepção e conceituação do real. Faz-se uso de tal ou qual termo, por ser o que melhor corresponde, significativa e verbalmente, ao pensamento em ocorrência. Wittgenstein pretende nos fazer ver que, ao contrário, somente penso tal e qual conceito porque meu limite de apreensão do real é constituído por tal e qual palavra²². Pensamos unicamente o que as palavras nos permitem pensar²³. Numa definição lapidar de sua concepção acerca do papel único da linguagem, que se torna um dos *leitmotiv* de toda sua obra, arremata nosso autor: “Os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo”.²⁴

Observamos anteriormente que o movimento do pensamento wittgensteiniano expõe o propósito de delimitar o pensar ao *expressível* ou *dizível*. Mas Wittgenstein deixa claro que a delimitação diz respeito ao pensamento²⁵. Não ao sentido do mundo ou às coisas “que contam”. Se podemos tão-somente pensar o que se pode expressar ou falar, e tal possibilidade encontra-se circunscrita aos átomos lógicos mundanos apreendidos e significados no agir *em uso dinâmico* (*spiel*) que esquadrinha e confere sentido *na* realidade, segue que não se pode pensar o sentido do que não está no mundo dos eventos e/ou ocorrências. Assim inicia Wittgenstein o *Tractatus Logico-Philosophicus*: “O mundo é tudo o que a eventualidade é”.²⁶ E o termina com um dos silêncios filosóficos mais expressivos (e discutidos) de toda a história do pensamento ocidental: “De que não se pode falar, deve-se sobre isso silenciar”.²⁷

²¹ IDEM, *ibidem*, p. 42.

²² IDEM, *ibidem*, pp. 43-45: “O cálculo é, por assim dizer, autônomo – A linguagem deve falar por si mesma (...) O significado é o papel da palavra no cálculo”.

²³ IDEM, *ibidem*, p. 45: “Eu poderia dizer: a única coisa que é de interesse para mim é o *conteúdo* de uma proposição, e o conteúdo de uma proposição é algo interior a ela. Uma proposição tem seu conteúdo como parte de um cálculo.”

²⁴ *TLP*, proposição 5.6: “*Die Grenzen meiner Sprache bedeuten die Grenzen meiner Welt*” (p. 245).

²⁵ Vide o trecho do *TLP* em seu prefácio, citado na nota 13.

²⁶ *TLP*, proposição 1: “*Die Welt ist alles, was der Fall ist*”. Na tradução do Prof. Luiz Henrique L. dos Santos encontramos: “O mundo é tudo que é o caso” (p. 135). Buscamos trabalhar um sentido próximo à expressão da língua originária em sua literalidade, na tentativa de tangenciar a intencionalidade da forma literária aforismática expressada por Wittgenstein. Noutra possibilidade, mais conforme ao sentido vernacular de nossa língua receptiva, pode-se tentar a tradução: “O mundo é tudo o que ocorre”. Vide a nota seguinte.

²⁷ *TLP*, proposição 7: “*Wovon man nicht sprechen kann, darüber mu□ man schweigen*”. Como na maioria das traduções, Prof. Luiz Henrique verte: “Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar” (p. 281). Optamos por uma tentativa mais literalizante da passagem, no intuito de ressaltar seu formato propriamente oracular, o qual intenciona apontar, simultaneamente, para o limite conjugado ao que o supera, face sobretudo à sua *interdição*, que nos parece ressaltado pela locução adverbial *darüber mu□*, a qual nos possibilitaria tentar, numa vertente mais livre ou parafrástica para com a forma da proposição: “Deve-se silenciar a respeito do que está acima daquilo

4. *Sub Specie Aeterni*

Em nossa leitura do pensamento wittgensteiniano, intentamos mostrar que, precisa e agudamente na delimitação do *Tractatus* – nas suas primeira e última proposições – estão os sinais próprios de sua motivação capital, qual seja, fazer-nos ver que o sentido da linguagem somente é clarificado ante seu *percurso totalmente exposto nos limites do dizível*, os quais simultaneamente sinalizam a inteireza e perfazimento das formas de vida, bem como delimitam sua expressividade, o que se afigura, ao final, um mesmo e único movimento ou dinamismo de reconhecimento de terreno (delimitação). Jogar é reconhecer o todo, vale dizer: limitar é dar significado, conferir identidade. O sentido é formado vitalmente à luz de seu ver primevo *in totum*²⁸, o qual em verdade conflui e se manifesta factualmente como tal precisamente no limite, ou seja: *Primum* e *Finitum* são na verdade um só e mesmo percurso, uma só e mesma realidade sentida e significada. Dessa forma, o início e o final do *Tractatus* acima aludidos afiguram-se-nos como intencional e estrategicamente posicionados pelo filósofo de modo a clarificar (evidenciar?) ou, para utilizar um de seus termos-chave, *elucidar* a instância do real apontando – e portanto *nomeando*, ou seja: *instando* (porém não emprestando estatuto ontológico, o que traria a metafísica novamente à baila) – à realidade os seus pontos de partida e de chegada. O real dá-se à nomeação em seu início, mas tendo de imediato seu final como limite perene, posto que o indizível aponta sempre ao jogar-se contra

que não se pode pronunciar”, com o que se aponta para “aquilo que está acima, que supera”, ultrapassando o (aparente) paradoxo de já se romper, pelo seu próprio decreto, com o silêncio que se decreta. Tentaremos adiante trabalhar mais detida e agudamente a proposição 7, quando abordarmos de forma específica o silêncio na filosofia wittgensteinaiana – cf. MARGUTTI PINTO, Paulo R. *Iniciação ao Silêncio – Análise do Tractatus de Wittgenstein*, São Paulo: Loyola, 1998, pp. 122-125 e 139-140, obra fundamental para uma análise da forma argumentativa e expressional do *Tractatus*, igualmente para introdução e aprofundamento na primeira fase do pensamento de Wittgenstein.

²⁸ *TLP*, proposição 6.45: “*Die Anschauung der Welt sub specie aeterni ist ihre Anschauung als – begrenztes – Ganzes*”, ao que podemos tentar: “A Visão-de-Mundo *sub specie aeterni* é sua visão como – em limite – o Todo”. A proposição revela-se fundamental dentro do conjunto aforístico nº 6 do *Tractatus*, talvez de todo o livro, e se nos mostra como fulcral à nossa tentativa de esboçar aproximação entre Jaspers e Wittgenstein, sobressaindo-se o paralelo vocabular, praticamente convergente, entre ambos – vide a *Psicologia das Visões-de-Mundo* jaspersiana, primeira grande obra (1919) do filósofo alemão: JASPERS, Karl *Psychologie der Weltanschauungen*, vierte auflage (4ª edição) Berlin/Heidelberg: Julius Springer Verlag, 1954, especialmente pp. 84-90; 440-462 [cf. p. 453: “*Im Zentrum der Mystik steht das Erlebnis, das – als Erlebnis – reale Vereinigung mit dem Absoluten ist*”, o que tentamos como: “No centro da experiência mística encontra-se – como vivência – a efetiva convergência junto ao (ser) Absoluto”. Compare-se com a segunda parte da proposição 6.45 do *TLP*: “*Das Gefühl der Welt als begrenztes Ganzes ist das mystische*”: “O sentimento do mundo como totalidade limitada é o sentimento místico” (p. 279)]. Jaspers igualmente trabalha a significação do mundo (a *Weltbilder*, compondo todo o segundo capítulo de sua obra) dentro de sua análise fenomenológico-existencial: cf. a introdução das pp. 143-153.

ele²⁹, como que instando ao jogo porém dele não participando. Na verdade, o silêncio dita as regras do jogo. Mais: em silêncio, não me resta alternativa senão nele jogar-me, e meu jog(ar-se)o encontra-se por ele condicionado. Porém, as jogadas – as *significações do cotidiano* em suas *formas de vida* – são regradas e, por assim dizer, validadas ou “julgadas” pelo arbítrio do silêncio. O *não-dizível* pauta o que, quando e como se diz, dado que aquilo que fugir às suas regras ser-lhe-à afronta e insulto – soará como usurpação dos limites do real, na tentativa de ultrapassar o *interdito*³⁰ a toda e qualquer representação ou figuração que, por infeliz ventura,

²⁹ Dirá Heidegger que a *Linguagem Originária* – manifestada no *Silêncio* místico-poético - vocaciona o ser humano à *Linguagem Secundária*, ou seja, à *Fala*, pela qual ele responde ao chamado (do Ser) manifesto na diferença ontológica, fazendo da linguagem sua morada – cf. HEIDEGGER, Martin *Unterwegs zur Sprache*, Pfullingen: Günther Neske Verlag, 1959, p. 32: “*Das Zuvorkommen in der Zurückhaltung bestimmt die Wiese, nach der die Sterblichen dem Unter-Schied entsprechen. Auf diese Wiese wohnen die Sterblichen im Sprechen der Sprache*” – em nossa tentativa: “O Antecipar em Cautela Silente destina a maneira (Discernimento) em que os Mortais condizem à Di-ferença. Sobre este Discernimento moram os Mortais no Falar a Linguagem”. A tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback traz: “Antecipar reservando é o modo como os mortais correspondem à diferença. Desse modo, os mortais moram na fala da linguagem”: *A Caminho da Linguagem, Op. Cit.*, p. 26.

³⁰ Na interpretação do positivismo lógico, centrado em torno do Círculo de Viena e celebrizada por Rudolf Carnap, tais tentativas serão qualificadas – e extirpadas – como *non-sensical* (cf. CARNAP, R. *Pseudoproblemas na Filosofia*, São Paulo: Abril Cultural, 1975, pp. 162-165 e 174-175; IDEM, *Testabilidade e Significado*, São Paulo: Abril Cultural, 1975, pp. 203-104. Carnap, entretanto, mostrara-se mais prudente anteriormente: *Empirismo, Semântica e Ontologia*, São Paulo: Abril Cultural, 1975, pp. 133-134. Textos reunidos na coleção *Os Pensadores*) Para outros autores, cujo foco de pesquisa, na esteira da herança fregeana e tendo o trabalho de Wittgenstein como centro, girou em torno à linguagem em sua análise semântica e proposicional, o silêncio e/ou o não-dizível perderá gradativamente a importância e o lugar fundamental que ocupa no *Tractatus*, e mesmo nas *Investigações*. Vide como exemplo nesse sentido, e igualmente ilustrando o pensamento da corrente inicial de recepção à filosofia wittgensteiniana dentro da constituição da orientação analítico-proposicional, os trabalhos de Gilbert RYLE [(cf. *Expressões sistematicamente enganadoras*, 2ª edição, São Paulo: Abril Cultural, 1980, pp. 3-22 (especialmente p. 21)] e de Alfred Julius AYER (vide *As Questões Centrais da Filosofia*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975, pp. 13-36). Nas décadas posteriores, as pesquisas na filosofia da linguagem centradas na análise proposicional e semântica tratariam de retomar, ainda que de forma oblíqua, a importância do não-dizível. Nos trabalhos de Willard V. O. QUINE (cf. *A Relatividade Ontológica*, 2ª edição, São Paulo: Abril Cultural, 1980, pp. 148-155. Coleção *Os Pensadores*; *Filosofia da Lógica*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972, sobretudo pp. 13-54); Peter L. STRAWSON (cf. *Significação e Verdade*, 2ª edição, São Paulo: Abril Cultural, 1980, pp. 331-345; *Sobre Referir*, 2ª edição, São Paulo: Abril Cultural, 1980, pp. 275-280. Ambos os textos na Coleção *Os Pensadores*) e, sobretudo, John SEARLE [vide *Intencionalidade*, São Paulo: Martins Fontes, 1995, sobretudo os caps. 2 (pp. 53-109) e 7 (pp. 251-274)], dar-se-ão tentativas decisivas de superação da leitura reducionista empregada pelo Círculo de Viena, ampliando as possibilidades da filosofia da análise proposicional em medida expressiva e fundamental, incluindo, notadamente na pesquisa de Searle, o sistematizar esforços no sentido de se constituir uma filosofia da mente com ênfase na intencionalidade funcional, remetendo a paralelo conceitual com a corrente fenomenológica então em voga. Ressalte-se igualmente a pesquisa de Kurt GÖDEL [vide *Collected Works*, v. III, edit. by S. Feferman, Oxford University Press, 1995 – cf. ROETTI, Jorge Alberto *El Argumento Ontológico: La variante de Gödel de la version de Leibniz*, in *Diálogos* (Revista de Humanidades da Universidade Porto Rico), vol. 39, nº 84, 2004, pp. 77-106, no sítio www.dialnet.unirioja.es/servlet/articulo.codigo=2396015, acessado em 06.12.2008 – sob custódia] em torno ao assim chamado argumento ontológico anselmiano, tal como o apresenta Leibniz, na chave de leitura da análise proposicional. Nos decênios seguintes, contribuíram grandemente os trabalhos de Michael DUMETT (cf. *Frege: Philosophy of Mathematics*, Great-Britain, OUP, 1991 – excertos disponibilizados pelo sítio eletrônico www.books.google.com, acesso em 26.11.2008) e, sobretudo, Donald DAVIDSON (vide *A Emergência do Pensamento; Três Variedades de Conhecimento; A Mente Material*; e outros textos, disponibilizados no sítio www.portal.filosofia.pro.br/donald-davidson.html, acessado em 25.09.2008 e 22.11.2008; *Ensaio sobre a Verdade*, São Paulo: Unimarco Editora, 2002; cf., no mesmo site, GHIRALDELLI JR., Paulo *Para Compreender a filosofia de Donald Davidson*, São Paulo, 2007), para a retomada inclusive da temática metafísica (em sua caracterização descritiva) dentro de escopo da análise semântico-proposicional - cf., para um panorama temático a respeito: IMAGUIRE, Guido e SCHIRN, Matthias *Estudos em Filosofia da Linguagem*, São Paulo: Loyola, 2008. Para uma apresentação específica quanto às

queira-se ou, pior, permita-se fazer. Como se Wittgenstein estivesse, com incisiva ênfase, chamando-nos permanentemente a atenção para o caráter absoluto contido no segundo dos Dez Mandamentos, tal como o expõe Êxodo 20.4: “Não farás para ti ídolos ou coisa alguma que tenha a forma de algo que se encontre no alto do céu, embaixo na terra ou nas águas debaixo da terra.”³¹. Somente o que ocorre – a Possibilidade (*Möglichkeit*) das coisas enquanto Eventualidade (*Fall*)³² – no mundo é dizível e pictórico, portanto passível de ser *jogado* – *representado*. O que não está dentro dos limites, seja acima, abaixo ou no infinito, não se *representa*, ou seja, não se diz. Como se o filósofo quisesse fazer-nos ver que a identidade do real e, conseqüentemente, suas possibilidades de ser pensado e vivido – portanto representado – consiste nos limites demarcados pelo não-dizível, mas sobretudo estabelecidos pelo silêncio, convertendo-se tais limites nos sinais incontornáveis de sua presença e atuação! Na verdade, o dizível perfaz seu espectro (o todo - mundo) de-marcado pelo silêncio, que é afinal o princípio e o fim, numa palavra: o silêncio é o “real que conta”, é quem efetiva e comanda o jogo da linguagem³³. O indizível porém não se ausenta ou circunscreve-se ao início e fim do percurso dizível do mundo, mas este é formado (configurado) naquele, por sua vez presente na forma de

possibilidades do problema metafísico na pesquisa da análise proposicional: OLIVEIRA, Manfredo A.; ALMEIDA, Custódio L. S.; e IMAGUIRE, G. (orgs.), *Metafísica Contemporânea*, Petrópolis: Vozes, 2007, Parte I – capítulo 4 (pp. 98-120); Parte II – capítulos 1, 2 e 3 (pp. 123-190); Parte III – capítulos 1 (pp. 271-289) e 3 (pp. 314-332); e toda a parte IV (pp. 333-399), composta de três capítulos dedicados às Teorias dos Mundos Possíveis, temática retrabalhada atualmente sobretudo por Saul KRIPKE, por sua vez autor de obra referencial sobre a filosofia wittgensteiniana (*Wittgenstein – On Rules and Private Language*, Cambridge/Massachusetts: Harvard University Press, 1982 – cf. trechos, resumos e críticas explanatórias em www.krypton.mnsu.edu, acessado em 22.11.2008). Paralelamente, durante os anos 70 e 80, verificam-se tentativas de aproximação entre a pesquisa fenomenológica de cunho heideggeriano e o pensamento de Wittgenstein, sendo que, em diferentes e profundamente divergentes sentidos, mas tematicamente próximos, projetam-se os trabalhos de Richard RORTY (cf. *Heidegger, Contingência e Pragmatismo*, Barcelona: Paidós, 1993 – disponibilizado em www.esnips.com) e Karl-Otto APEL (cf. *Transformação da Filosofia – vols. I e II*, São Paulo: Loyola, 1999/2000), além é claro da obra de Jürgen HABERMAS, marco teórico da confluência filosófica operada pela Escola de Frankfurt, embora guarde relação indireta com as correntes em pauta (cf. *Erkenntnis und Interesse*, Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1968, 1973, pp. 88-233). Cf., a respeito de tais paralelos e outras correntes acerca da filosofia da linguagem, a excelente apresentação de Manfredo Araújo de OLIVEIRA *Reviravolta Linguístico-Pragmática na Filosofia Contemporânea*, São Paulo: Loyola, 1996, obra cuja erudição e amplitude conceitual a coloca, ainda hoje, como o melhor guia para toda a temática linguística trabalhada pelas várias correntes na filosofia atual. Face ao propósito de nossa presente tentativa de esboço, limitar-nos-emos à mera menção de tais autores e/ou trabalhos, remetendo-se desde já, para uma exposição mais detalhada e completa a respeito de tais pensadores (sobretudo Searle, Gödel e Davidson), bem como de nossa abordagem quanto às possibilidades da questão metafísica (além da temática mística) no espectro das filosofias da análise proposicional e pragmático-lingüística, à nossa pesquisa em sua forma final junto ao Grupo de Pesquisa no qual é desenvolvida, sob a orientação do Prof. Mazzucco (vide nota 1).

³¹ *TEB – Tradução Ecumênica da Bíblia*, São Paulo: Loyola, 1994. O hebraico *Pesel* possibilita igualmente a idéia de representar ou figurar a realidade, como na *Edição Pastoral* [“Não faça (...) nenhuma *representação* daquilo que existe no céu...”] e na *Bíblia do Peregrino* [“Não farás (...) nenhuma *figura*...”] - itálicos nossos.

³² *TLP*, proposição 2.012: “Na lógica, nada é casual : se a coisa *pode* aparecer no estado de coisas, a possibilidade do estado de coisas já deve estar prejudgada na coisa” (p. 135).

³³ A propósito de Wittgenstein expressar-se, quanto ao silêncio e à mística, como o que “realmente conta”, vide BALDINI, Massimo *O Silêncio, a Ética e a Religião – Ludwig Wittgenstein (1889-1951)* in PENZO, Giorgio e GIBELLINI, Rosino *Deus na filosofia do século XX*, São Paulo: Loyola, 1998, p. 289.

vida perene (*Lebensform*). É possível observarmos, na leitura do *Tractatus*, a aforismática crescente a fechar as portas das falas de maneira inexorável e solene³⁴ a partir das proposições

³⁴ A aforismática das sentenças capitais do *Tractatus* – as proposições ordinárias iniciais dos grupos – composta de frases curtas com predicação copular, a sugerir que o sentido do ser do mundo reside em sua estrutura atômica lógica, intenta abarcar o todo de forma permanente no elencar definições sobre as questões centrais da filosofia, definições estas de caráter necessariamente binomial, cujo objetivo é o de des-essencializar as verdades para volatilizá-las, por assim dizer, no jogo usual da linguagem que regra (sente e conhece) a realidade: 1) [Início: Nada=silêncio] *Mundo – Eventualidade*; 2) *Ocorrência – Estado de Coisas*; 3) (lógica dos) *Fatos – (lógica do) Pensamento*; 4) *Pensamento – Sentido*; 5) *Sentido – Verdade*; 6) *Verdade – Fala* (Regra/Jogo = Função); 7) *Fala* (Verdade) = *Silêncio* [Fim: Nada=silêncio]. *A Verdade do Mundo expressa no Pensamento resolve-se no Silêncio*, ponto necessário de partida a toda fala. Percebe-se pois que o início está no fim, o qual remete ao começo, ou seja: o Silêncio inicia, ilumina (limita), perpassa e fundamenta o sentido do mundo. Vide, entretanto, para uma leitura diversa da que aqui tentamos, a análise de Marjorie Perloff (*Op. Cit.*, pp. 62-73), na qual a autora evidencia os paralelos literários do *Tractatus* com os textos-manifestos de Malevich e os poemas de Wallace Stevens, classificando-o como “livro de guerra”, dado o contexto vivido por Wittgenstein quando de sua composição (cf. p. 69). Outrossim, ressalte-se que a forma binomial guarda parentesco com gêneros literários arquetípicos de anúncio e revelação de verdades, tais como os paralelismos e sequências miméticas da literatura poético-sapiencial (os *nevihim*) e profética (*ketubim*) hebraica, como encontramos na *Tanak*, mormente nos escritos oraculares. Nesse sentido, a estrutura formal da proposição oracular nº 7 assemelha-se a algumas das sentenças proverbiais, oraculares e proféticas da Bíblia Hebraica, como o já citado texto de Êxodo 20.4 e, notavelmente, a passagem de Habacuque 2.20: “Mas o SENHOR está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra” (*Almeida Revista e Corrigida*; vide *TEB*: “...; Silêncio diante de sua face, ó terra inteira!”; cf. ainda Sofonias 1.7; Zacarias 2.13. Vale dizer que o imperativo ritual e litúrgico do silêncio, em crescendo solene e majestoso, compõe na literatura apocalíptica o prenúncio esperançoso do fim de toda a idolatria perante o juízo iminente de Deus, como p.ex. as passagens citadas de Sofonias e Zacarias, e ainda, dentro do Novo Testamento, o texto de Apocalipse 8.1, ao que se pode pensar, em caráter alusivo, na tarefa a que se propôs Wittgenstein de “reduzir ou eliminar” a fala “idolátrica” da filosofia, cuja tradução na *Elberfelder Bibel* (versão alemã do século XIX calcada no *Textus Receptus* de Erasmo, século XVI) traz “... *Aber Jehova ist in seinem heiligen Palast – schweige vor ihm, ganze Erde!*”, realçando o paralelo vocabular com o aforisma de Wittgenstein. Ressalte-se que a passagem traz o tetragrama IHWH, pelo qual a língua hebraica se referia a Deus, a fim de evitar ser pronunciado seu nome, ou seja, o não dizível (Êxodo 20.7, na *Elberfelder*: “*Du sollst den Namen Jehovas, deines Gottes, nicht zu Eitlem aussprechen*”, reiterando o mandamento de não pronunciar – dizer – o nome de Deus em vão). Para uma exposição da atitude de Wittgenstein quanto à religião e o sentimento místico em geral, vide a valiosa obra de Juan Antonio ESTRADA *Deus nas Tradições Filosóficas – volume 1: Aporias e problemas da teologia natural*, São Paulo: Paulus, 2003, pp. 155-163. Juan Estrada trabalha com a tese de um percurso evolutivo efetuado no interior do pensamento wittgensteiniano, partindo-se de uma *theologia negationis* presente no *Tractatus*, até se chegar à teologia como gramática de uma *lebensform* nas *Investigações*, tese da qual nosso presente estudo contrasta, em nossa tentativa de situar um percurso como que inverso ou reverso-a-simultâneo: é o próprio *spiel* em fala que gramatiza o silêncio no percurso vital expressível (formal – *lebensform*) vivenciado como (e *ihm*) *lebenswelt*, clarificando as possibilidades de uma *theologia ludens in negationis*. Intentamos ler a obra de Wittgenstein no sentido inverso, qual seja, das *Investigações* ao *Tractatus*, estabelecendo mais propriamente a leitura recíproca de ambos, em simultâneo, ou ainda a reiteração dos mandamentos do *Tractatus* à luz do jogo silente das *Investigações* (vide nota 4 acima). Para ampliação referencial, vide PERISSINOTTO, Luigi Jesus, o cristianismo e o sentido da vida - Ludwig Wittgenstein in ZUCAL, Silvano *Cristo na Filosofia Contemporânea – volume II: O século XX*, São Paulo: Paulus, 2006, pp. 433-458 (com rica indicação bibliográfica e antologia de textos); BALDINI, M. *Op. Cit.*, pp. 291-293; MONDIN, Battista *Quem é Deus? – Elementos de Teologia Filosófica*, São Paulo: Paulus, 1997, pp. 260; 273-274; 277; MARGUTTI PINTO, P.R. *Op. Cit.*, pp. 68-80. Em relação a uma leitura especificamente teológica dos textos wittgensteinianos, vide as penetrantes observações de Eberhard JÜNGEL em *Dios como mistério del Mundo*, Salamanca: Ediciones Sigueme, 1984, pp. 324 e 393. Com respeito ao silêncio acerca do Nome Divino no Judaísmo, bem como ao segundo mandamento em seu teor libertário e de combate à alienação sócio-político-religiosa, cf. FOHRER, Georg *História da Religião de Israel*, 2ª edição, São Paulo: Paulinas, 1993, pp. 84-123; VON RAD, Gerhard *Teologia do Antigo Testamento – volume 1*, São Paulo: Aste, 1973 (reedição 1986), pp. 216-221 (leitura fundamental); SMITH, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento – História, Método e Mensagem*, São Paulo: Vida Nova, 2001, pp. 96-116; PIXLEY, George V. *Êxodo*, São Paulo: Paulinas, 1987, pp. 149-152; sobre Habacuque 2.20: SCHÖKEL, Luiz Alonso e SICRE DIAZ, José L. *Profetas II*, São Paulo: Paulinas, 1991, pp. 1136-1137; para Zacarias 2.13: GORGULHO, Gilberto *Zacarias – A vinda do Messias Pobre*, Petrópolis: Vozes(Metodista/Sinodal), 1985, pp. 34-35; relativo a Apocalipse 8.1: BERGER, Klaus *As Formas Literárias do NT*, São Paulo: Loyola, 1998, pp. 269-270; CORSINI, Eugênio *O Apocalipse de São João*, São Paulo: Paulinas, 1984, pp. 173-175.

elencadas nos aforismas 5 e 6, visto que, plenificando-se o dizer/falar, este [o pensamento, ou ainda o esquadramento lúdico (jogo) da totalidade] termina por exaurir-se na infinitude majestosa do silêncio se aproxima, de forma que urge falar e dizer tudo o que possa ser dito, exaurindo – perfazendo, formando, regrado – todas as suas possibilidades (função geral da verdade), de molde a eliminar todos os seus flancos ou vácuos inexpressivos – os enganos a que se referirá sobretudo as *Investigações*. O silêncio a-presenta o real à linguagem, fazendo-a jogar-se em seu impulso dinâmico vital (jogar as formas de vida – *sprachspielen der lebensformen*) de modo tal que, movendo o jogo, faz-se presente de forma permanente e delimitante (*formen die grenzen*), bem como ex-prensa (portanto não im-prensa, não dizível), fornecendo o limite perene para que se possa dizer o sentido do mundo em totalidade. Em suma, é o silêncio que delimita e confere a identidade do mundo que há – é o silêncio seu sentido.

Observa-se a reiterada e constante preocupação de Wittgenstein em afastar toda e qualquer noção de substancialização que possa ser associada à linguagem em seu mecanismo de funcionamento, sua elucidação e, sobretudo, seu instaurar-se como representação e significação. Ele deixa claro, no *Tractatus*, que os termos são significados pela representação daquilo que qualifica como átomos lógicos, ou “as coisas em seu ‘simples’” que “linguagemos” através dos jogos aos quais nos atiramos pelo indizível. O significado não se compõe ou se dá um “algo em si” que esteja subjacente à instância da palavra. Tampouco a atravessa rumo à sua superação. Numa palavra: a linguagem não contém substantivação, e igualmente não atua como instrumento ou signo da transcendência. Não remete à substância, nem ao transcendente. Não há nada, semântica e significativamente, aquém ou além dela. Ela encerra-se a si, basta-se e não permite inferências fora de seu pro-pósito. A verdade, sua validação e função, bem como ainda seu significado, encontram-se unicamente na proposição. Significamos a realidade de forma proposicional. E nada mais.

5. Jogar pelas Cifras do Jogo

Aparentemente, um tal pensamento não permitiria aproximação com relação à mística e ao sagrado enquanto transcendentais, nem mesmo imanentes. Uma teoria da

Para um rápido panorama (antes de se adentrar nas grandes obras de Rudolph Otto, Mircea Eliade e Raimon Pannikar) acerca das tradições do Silêncio, dentro das grandes religiões (incluindo a tradição hesicasta, bem como a mística extremo-oriental e islâmica) e das correntes filosóficas modernas, vide LE BRETON, David *Do Silêncio*, Lisboa: Instituto Piaget, 1999, pp. 175-234 (obra de fôlego, com grande amplitude temática e densa bibliografia).

linguagem que não remeta à realidade para além da fundamentação de sua significação; que delimita o pensar ao que possa ser dito, e este aos fatos no mundo; tampouco busca radicar-se na essência do real – esta análise da linguagem não apresenta, à primeira vista, qualquer possibilidade de se pensar uma instância que supere ou transcenda os limites do mundo, os umbrais do dizível. Porém, o que se verifica, em nossa leitura de seus esforços para clarificar a linguagem e seu instaurar-se como *modo de vida*, é que Wittgenstein intenta *eliminar* toda e qualquer *intermediação* entre a realidade vivida e seu significado. Ou seja, que a linguagem não componha mediação gradual entre as coisas que significa e seu significado último, ou de uma hipotética essência que não se dê a dizer, numa palavra: que não seja hermética e acessível a poucos “iniciados”. O pensamento wittgensteiniano quer trazer a realidade *in totum* ao presente do dizê-la e esquadrinhá-la, identificando-a e realizando-a de modo imediato – ou seja, sem questões ou problemas filosóficos que suponham uma dimensão ou percurso que não o da realidade já dada no imediato da minha, da sua, de todas as formas de vida. Não há um sentido que esteja por trás, e ao qual dever-se-ia descobrir para então ter-se o sentido único e esotérico da vida. O significado da vida em suas várias formas é figurado e identificado nos limites do percurso expressível da fala e do dizer (do pensamento e do “eu”), em seu ínterim que me é de pronto dado no meu jogo (uso, ação) da vida. Numa palavra: pretende-se eliminar o mecanismo que torna a linguagem simbólica em relação à realidade que estaria por trás do significado que expressa. Não há intermediários entre o que dizemos - e significamos, portanto - e aquilo que confere o sentido último da realidade, porque este se encerra (e não é simbolizado tão somente), por aquele. Wittgenstein quer trazer o sentido para o imediato do dizível, e não mediatizá-lo através do símbolo. Deste, inclusive, desconfia: “Em filosofia, somos constantemente tentados a inventar uma mitologia do simbolismo ou da psicologia, em vez de simplesmente dizer o que sabemos.”³⁵

Sabemos que Wittgenstein repudiou certas interpretações reducionistas de seu pensamento, notadamente as leituras de sua obra feitas pelo assim conhecido Círculo de Viena, base para o neopositivismo lógico³⁶. Nesse sentido, “Wittgenstein (...) crê apaixonadamente que tudo o que conta na vida humana é justamente aquilo de que, segundo o seu modo de ver,

³⁵ WITTGENSTEIN, *Gramática Filosófica*, op. cit., p. 40.

³⁶ O repúdio de Wittgenstein à recepção neopositivista de sua obra tem sido leitura corrente nos estudos de seu pensamento, porém a avaliação e correta compreensão de seu relacionamento com o Círculo de Viena e sua escola de pensamento é ainda incipiente na literatura wittgensteiniana. Para uma primeira aproximação ao tema, inclusive numa interpretação com ênfases diversas da usual, vide HALLER, R. *Op. Cit.*, pp. 41-54. Cf. ainda, com relação ao ambiente cultural vienense da época e seu contraste com o *Tractatus*: PERLOFF, M. *Op. Cit.*, pp. 56-62. Vide a anterior nota 30 de nosso estudo.

devemos calar”³⁷. Ora, como sabemos quais são as coisas que realmente contam? Aqui precisamente o pensamento das *Investigações* nos elucida e completa. Necessitamos ter o percurso delimitado para, então, percorrê-lo (agir e jogar) à luz do não percorível! É necessário ter claro os limites de nosso percurso de ocorrência para que, uma vez percorridos (regrados/identificados), saibamos precisamente o que realmente conta!... Saltar para além da escada, mas tão-somente apoiados (jogados) nela! Para clarificarmos o que, em nosso ver, caracteriza a contribuição wittgensteiniana para nossa temática, pensemos que nos jogamos (projetamo-nos) às palavras, porque tão-somente elas nos realizam (identificam), mas precisamente tal realização é movida pelo que não entra no jogo... Após o exaurir-se das possibilidades (ocorrência, ou per-corrência) do dizível, dá-se a infinitude-inefabilidade do silêncio que cifrara, nas ocorrências do jogo, a identidade da existência. Aqui conflui o jogo à cifra: esta na verdade faz parte do jogo enquanto peças ou cartas a manipular, as quais porém *apontam* para o jogo, mas não *são* o jogo; regram, mas não agem no jogo; demarcam-no e o identificam, mas não atuam como jogadores. Estes - dirá Heidegger, à luz da *Weltanschauung* e da *Existenzphilosophie* de Jaspers³⁸ - são os que falam e respondem...

(II) JASPERS

Karl Jaspers move-se, como é sabido, no quadro das pesquisas fenomenológicas iniciadas por Edmund Husserl, somado à herança de Max Scheler, ao mesmo tempo que seu amigo Heidegger igualmente caminha no mesmo sentido: o ir, no jargão husserliano, “às coisas mesmas”, mas com amplitude direcionada ao mundo da vivência (*lebenswelt*), bem como à analítica existencial (*Daseinanalysis*)³⁹. Ele pensou a realidade em termos dos limites que nos

³⁷ Paul Engelmann, *Cartas de Ludwig Wittgenstein*, citado em BALDINI, M. *Op. Cit.*, p. 289. Cf. MONDIN, B., *Op. Cit.*, p. 274.

³⁸ HEIDEGGER, Martin Notas sobre a “Psicologia das visões de mundo” de Karl Jaspers in _____ *Marcas do Caminho*, tradução de Enio P. Giachini e Ernildo Stein, Petrópolis: Vozes, 2008, pp. 23-30, texto datado do período entre 1919 e 1921. Aludem igualmente os parágrafos 60 e 68 de *Ser e Tempo*, tradução brasileira revisada de Márcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis: Vozes/Bragança Paulista: EUSF, 2006, p. 383 e 424, respectivamente. Cf. INWOOD, Michael *Heidegger*, São Paulo: Loyola, 2004, p. 155. Vide ainda, anteriormente, a nota 29 de nosso texto.

³⁹ Com vistas a uma apresentação e introdução ao pensamento jaspersiano, vide GILES, Thomas R. *História do Existencialismo e da Fenomenologia – volume 2*, São Paulo: EPU/Edusp, 1975, pp. 149-292; REALE, G. e ANTISERI, D. *História da Filosofia – volume III*, 2ª edição, São Paulo: Paulus, 1996, pp. 597-604; VANNI ROVIGHI, *Sofia História da Filosofia Contemporânea – Do século XIX à Neoescolástica*, São Paulo: Loyola, 1999, pp. 405-408; STÖRIG, Hans J. *História Geral da Filosofia*, Petrópolis: Vozes, 2008, pp. 512-515; MONDIN, Battista *Curso de Filosofia – volume 3*, 2ª edição, São Paulo: Paulinas, 1985, pp. 194-197; LIMA VAZ, Henrique C. *Antropologia Filosófica – volume I*, São Paulo: Loyola, pp. 129-130; SCHNÄDELBACH, Herbert *Filosofia em Alemanha – 1831-1933*, Madrid: Cátedra, 1991, pp. 195-198. Para uma ampla e aprofundada exposição, incluindo-se rica discussão entre vários pensadores a respeito da filosofia jaspersiana, sua importância e influência, permanece a obra fundamental editada por Paul Arthur SCHILPP *The Philosophy of Karl Jaspers*,

aferram e traçam nossa dizibilidade e vivência situada do real (*grenz-situationen*), porém não como delimitação de sua expressividade, mas sim como superação na própria indizibilidade. Jaspers procurou tratar os limites da realidade justamente como *Enigmas*, ou mais precisamente, valendo-se de seu termo central: *Cifras da Existência = Chiffren-Existent*, que nos abarcam e tomam, perfazendo notório ponto de contato com o pensamento wittgensteiniano. No pensamento jaspersiano, são as *Cifras* que nos tocam e nos põem em contato com a Transcendência, não significando porém algo exterior a si mesmas, mas constituindo, elas próprias, a linguagem-que-ultrapassa-o-limite por excelência, sem contudo rompê-lo ou buscar-lhe o significado em instâncias além: “As significações que não podem ser reduzidas ao objeto significado são por nós denominadas enigmas. Significam sem significar algo específico. Esse algo reside no próprio enigma e não existe fora dele.”⁴⁰

Segundo Jaspers, as cifras ou enigmas da existência como que rompem (ou superam) com o esquema dual sujeito-objeto, situando-se em ambos porém não circunscritas a nenhum deles. Nesse sentido, a comunicabilidade ou expressividade do enigma é atribuída não pela subjetividade que compõe substância ideal, tampouco pela coisa-em-si que comporia uma essência cifrada a revelar-se ou desocultar-se no embate com o real. Ela, a exemplo do pensamento wittgensteiniano, basta-se a si mesma, fala de per si⁴¹. Nesse sentido, possuem as Cifras função autenticamente libertadora e realizadora, conquanto nos livram do aprisionar-se ao circunscrito dos fatos em fugacidade e/ou efemeridade, como não nos permitem, analogamente, tecer fugas ou escapes rumo ao sombrio ou doentio da subjetividade tentacular e manipuladora. “Os fatos são investigados. Os enigmas são penetrados pela imaginação (...) Os fatos são incontestáveis. Os enigmas iluminam o caminho de nossa liberdade.”⁴²

New York: Tudor Publishing Company, 1957, que inclui, além dos ensaios de vários autores, tais como Jean Wahl, Walter Kaufmann, Hannah Arendt e Paul Ricoeur, uma pequena biografia intelectual escrita pelo próprio Jaspers. No escopo de um perfil acerca de seus posicionamentos quanto à religião, sua discussão sobre a fé religiosa e a fé filosófica, e ainda quanto à temática mística, vide FORTE, Bruno *À escuta do Outro*, São Paulo: Paulinas, 2003, pp. 49-57; PENZO, Giorgio *O Divino como Liberdade Absoluta – Karl Jaspers (1883-1955) in _____* e GIBELLINI, R. *Deus na filosofia do século XX*, São Paulo: Loyola, 1998, pp. 239-251; vários tópicos na obra referencial de Umberto GALIMBERTI *Rastros do Sagrado*, São Paulo: Paulus, 2003; o ensaio fundamental de Jürgen HABERMAS, *Fragmentos filosófico-teológicos*, Madrid: Editorial Trotta, 1999, 39-54.

⁴⁰ JASPERS, Karl *Introdução ao Pensamento Filosófico*, São Paulo: Cultrix, 3ª edição, 1976, p. 113.

⁴¹ IDEM, *ibidem*: “Os enigmas constituem, por assim dizer, uma linguagem da Transcendência, que de lá nos chega como *linguagem de nossa própria criação*” (itálico nosso).

⁴² IDEM, p. 114.

Considerações finais

Na brevidade de nossa presente tentativa, expusemos linhas genéricas e panorâmicas do pensamento de dois autores que buscaram o significado do sentido, na própria realidade e nas “coisas mesmas”, e não fazendo-os remeter aos termos metafísicos tradicionais de substância e/ou transcendência hipostasiada. Procuramos ressaltar o paralelo dos pensamentos wittgensteiniano e jaspersiano, quanto à verdade que *se* instaura e *se* dá na linguagem, no *jogar-se*, pelo silêncio, rumo aos *limites* do indizível (Wittgenstein) ou Transcendência inefável (Jaspers).

Mas o evidente contraste com relação ao ponto de partida e metodologia procedida, e sobretudo a clara diferenciação quanto ao campo temático trabalhado pelos filósofos – Jaspers está a operar, a exemplo de Heidegger, uma analítica da realidade em sua facticidade como um todo manifesto, propondo-se constituir uma filosofia da existência que esclareça o sentido vital do existente humano (*Dasein*), ao passo que Wittgenstein propositadamente se mantém no restrito domínio da lógica formal e das possibilidades de sua linguagem, explorando sua amplitude crescente enquanto instância em que se dá o sentido interno da totalidade factual do mundo – não compromete de início a tentativa de aproximação das duas escolas de pensamento? Poderíamos dizer que se formalmente a aproximação é verificada com facilidade, materialmente as diferenciações são claras e expressivas. Enquanto Jaspers culmina seu sistema com a linguagem da Cifra existencial a iluminar o Todo-Abrangente como Mistério-Enigma envolvente, nos embates trazidos pela vivência das Situações-Limite que apontam e sinalizam a presença da Transcendência, Wittgenstein não está a proclamar que, dado que somente se pergunta o que se pode responder, e só se responde acerca daquilo que pode ser dito, “o enigma não existe”?⁴³

Parece-nos residir, porém, justamente no contraste quanto ao campo temático e principalmente metodológico, uma como que pista para visualizarmos a profunda convergência entre as aspirações e impulsos das duas filosofias. Jaspers intenta constituir uma análise existencial que faça da filosofia “não (...) uma teoria, e sim uma *prática* totalmente única, prática essa que é a própria existência”⁴⁴ – itálico nosso. Por outro lado, tivemos ocasião de verificar que Wittgenstein intentou sobretudo levar a efeito uma como que terapia da atividade filosófica, tratando de seus problemas através da prática de uma ontologia via o estabelecimento de uma linguagem depurativa e descritiva da realidade como nos é

⁴³ TLP, proposição 6.5 (p. 279)

⁴⁴ GILES, Th. R. *Op. Cit.*, p. 149.

apresentada por ela própria – linguagem. Se para o filósofo austríaco deve-se livrar o linguajar do poder enganador do dizer o que não pode ser dito, Jaspers pretende nos mostrar que os limites clarificam e libertam, na própria limitação existencial de não se poder tangenciá-la, a vivência da transcendência precisamente nos enigmas cifrais indizíveis, mas que nos abarcam e perfazem o sentido da existência.

Mas onde afinal estaria o motivo para que não coincidam materialmente os dois pensadores, já que a correspondência formal é praticamente idêntica? Talvez nos limites do percurso do dizível postos pelo in-dizível, para Wittgenstein; e da existência comunicacional clarificada e de-limitada pela Cifra, para Jaspers. Ambos estão situados nos polos do percurso dizível/existência, mas precisamente por estarem situados nos umbrais do mundo é que o olham – filosofam, descrevem, analisam – por inteiro, no todo, no limite que traz o sentido que aponta para o indizível/transcendência. Seria como se Jaspers estivesse numa ponta, e Wittgenstein na outra, a entrecruzarem os olhares e visões do real. Ambos tomam a *Lebens* como motivo central de seus pensamentos. A diferenciação corre por conta de um ater-se às suas formas internas iniciais (*lebensformen*), o que lhe indica o caráter descritivo dos limites apresentados no ver (falar); ao passo que o outro detém-se na totalidade de suas formas finais (*lebenswelt ihm grenz*). O pensamento wittgensteiniano cuida de iniciar o percurso em crescendo exauriente até con-sumir-se a si mesmo no jogo silente da vida. O pensamento jaspersiano traz o final do percurso a cifrar os limites que nos falam da Transcendência como o que os silencia (supera) na comunicação (amor) da cifra, verdadeiro dizer-do-indizível.⁴⁵

No pautar jogar o jogo pelas suas próprias regras – cifras, parece-nos ocorrer a convergência entre dois pensamentos que se nos projetam, acima de tudo, libertadores e inspiradores a ultrapassar, nos limites da fala, a própria insuficiência do dizer e comunicar, abrindo-se à realidade em sua existência cifrada e convocatória à comunicação e doação (jogar-se).

⁴⁵ Numa rara e esclarecedora menção ao filósofo austríaco, o próprio Jaspers oferece-nos sinal de uma eventual aproximação de seu pensar ao de Wittgenstein: “Filosoficamente, deveria ser de extraordinário significado poder-se demonstrar o fracasso do pensamento via formalizações (algo nesse sentido parece conduzir a uma certa estranheza nas obras de Wittgenstein)” – JASPERS, K. Reply to my Critics in SCHILPP, P. A. *Op. Cit.*, p. 804.